



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00992015CE



Gaiato

Quinzenário • 13 de Junho de 2015 • Ano LXXII • N.º 1859 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Normas de Vida

NOS três últimos números d'O GAIATO tratamos do que dizem as Normas de Vida sobre o Ser da vocação própria dos «Padres da Rua», aquilo que lhes dá a sua identidade como sacerdotes diocesanos em missão especial: a génese que os distingue, o espírito peculiar que os caracteriza, o corpo em que se agregam e a vida que os interliga. Foi a primeira parte das Normas.

Porém, como toda a vida é uma chamada a agir e a dar fruto pelo trabalho segundo a dinâmica que se recebeu do Criador, assim a dos «Padres da Rua» se concretiza na Obra da Rua pela vitalidade e especificidade que receberam do Fundador, Pai Américo, em ordem ao fim pensado e querido por Deus, o seu verdadeiro Autor. É este Agir que constitui a segunda parte das Normas de Vida dos «Padres da Rua», que agora iremos ver.

«A alma da Obra da Rua é a Caridade» (67) que se materializa na actividade assistencial dos «Padres da Rua», para que «o mundo veja e glorifique o Pai Celeste» (66).

«Eles fazem seus e procuram resolver os

problemas da gente da rua. Saiam, portanto, a visitar o Pobre, quer nas cidades, quer nas aldeias, inteirando-se da vida e do estado de cada um» (69). «Os Pobres constituem encargo indesejável. Ora Deus quer que pela nossa oração e acção se indique ao mundo o caminho da Verdade» (70).

«Construam-se casas de habitação e entreguem-se sem renda aos que delas necessitam. Construam-se abrigos para doentes incuráveis que não têm onde viver nem onde morrer. A Deus nada é impossível» (71). «A Obra da Rua é o amparo dos mais abandonados, que ela procura levan-

tar com o próprio concurso dos assistidos, rejeitando a tentação dum ministério mais frutuoso com pessoas menos difíceis» (77).

Ter os olhos postos no «problema da habitação dos Pobres» (80), no «doente incurável, a quem falta tudo quanto de material lhe poderia adoçar o sofrer e o carinho da Família que não tem» (81), na criança abandonada, preferindo «os mais repelentes, os mais difíceis, os mais viciosos» (83).

«Sendo o seu padrão a Família, é uma Família o que ela pretende ser para os que nunca a tiveram ou a perderam» (78) construindo-A pelo Património dos Pobres, pelo

Calvário, pelas Casas e Lares do Gaiato.

O mensageiro do seu Ser e Agir é o quinzenário O GAIATO e outras edições que com ele a reflectem. «Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus» (73). «Defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre» (72). Não se aceite a «colaboração de estranhos, ainda que homens de saber e de virtude. Dê-se, sim, preferência ao Rapaz, que por isso se educa e revela, fazendo bem às almas dos que lerem» (75). «Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas» (74). Também «não peçam nem aceitem propostas de anúncios sobre assuntos do século» (74), nem «sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um» (76).

Esta é a Natureza e os fins da Obra da Rua. Incarnando e correspondendo «à fome e sede de Justiça de tantos» (69) de quem «o século de agora anda esquecido» (70), nascida com o espírito de os preferir (83), sofre ela mesma e comunga a mesma dor, «e assim tem de continuar, para ser através dos tempos uma palavra nova» (83). Ontem como hoje, pedra de tropeço e luz para que se revele «Cristo às almas» (74). «Que ninguém jamais deturpe» (83). □



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ERA uma destas tardes quentes em que o cansaço me fazia perder o sentido do tempo. Sentei-me numas escadas de cimento que descem para a casota, abrigo de dois conjuntos electrobombas, a descansar um pouco e me pus a rezar.

O sol baixava o seu calor e escondia-se de mim por trás da referida casota, que me abrigava com a sua sombra.

Sem que eu desse conta, os rapazes já jantavam, enquanto eu saboreava a protecção do sol e o vento fresco que começava a correr.

Levanto os olhos e vejo uma mulher grávida, que, avenida a baixo, por entre as laranjeiras, se dirigia ao meu lugar.

— Não se lembra de mim?

— Tenho uma ideia, mas não me recordo bem.

— Sou fulana! Aquela rapariga a quem pagou as dívidas à mercearia e as rendas da casa. Ficou de me cobrir o resto da casa, dar-me o chão e aparecer para tirar as medidas do telhado.

— É verdade! — Reconhecia-a então.

— Agora tenho mais problemas. Como sabe tenho três meninas e estou à espera de um filho que nascerá em Agosto. Como se recorda, dormimos todos num quarto da minha sogra que vai ser despejada da casa, e a cooperativa — Associação Luta do Povo — senhoria das duas habitações, também me ameaçou, se não pagar a renda e reconstruir a minha. Se o não fizer, perco tudo.

Uma mulher nova, com o marido reformado por invalidez e quatro filhos atrás dela, entra assim pela quinta adentro ao meu encontro!... Despertou-me logo para o sentido do tempo e da vida.

Enquanto tanta gente evita os filhos por motivos económicos, ou os mata nas abomináveis clínicas abortivas, esta pobre carrega-se com eles, sem poder e sem perspectiva.

Continua na página 3

BENGUELA

Padre Manuel António

Homens de amanhã

HÁ dias, o representante dum Instituição de Assistência Social italiana esteve na nossa Casa do Gaiato de Benguela. Queria conhecer a sua história. Começámos por defini-la como a Casa de Família dos filhos sem família. Os filhos abandonados são um problema social muito grave. Por isso, o interesse do entrevistador crescia, cada vez mais, à medida que ia percebendo o papel da Casa do Gaiato na ajuda para remediar esta situação aflitiva. Como é vulgar nestas circunstâncias, não falta a pergunta sobre a origem dos meios financeiros para a manutenção deste Projecto. A resposta deixou-o muito admirado! A Casa do Gaiato vive das ajudas que os corações generosos, particulares e de grupos, oferecem. Maravilha! É um sinal de que o Amor verdadeiro no coração humano é uma fonte de água viva. Deste modo, a sociedade

será uma família em que todos os membros devem sentir-se irmãos. É o Ideal, não há dúvida, mas é o caminho a percorrer. Muitos corações fazem a experiência de partilhar algo dos seus bens e confessam a sua felicidade. Não tenhamos dúvidas de que a generosidade, na partilha do que temos e somos, é irmã gémea da felicidade. O egoísmo e o amor próprio são uma desgraça. Somos testemunhas desta realidade. A Casa do Gaiato de Benguela, como as outras, também, não têm outra fonte para matar a sede à multidão de filhinhos que as enchem e estão constantemente a bater-lhes à porta. O nosso companheiro, de que falo no princípio do texto, ficou comovido perante esta realidade extraordinária. Os outros pontos essenciais da vida da nossa Casa do Gaiato ficaram também gravados nos seus instrumentos de trabalho. Quem dera não faltassem as ajudas

necessárias para a continuidade da acção social da nossa vida!

As empresas têm um papel muito importante na construção da dignidade da vida social. Ontem, foi a inauguração de mais um projecto empresarial da Firma Oliveira e Ligeiro, na cidade do Lobito. Fui convidado como representante da Casa do Gaiato de Benguela. Esta empresa, na pessoa dos seus altos responsáveis, tem ajudado muito a nossa Obra. O senhor Fernando Oliveira é a cabeça e o coração que, com ajudas financeiras e materiais escolares, mantém um grande amor à Casa do Gaiato. Os seus colaboradores mais próximos, entre os quais está o Rebelo, são o eco deste coração generoso. Quando o empresário faz os seus investimentos a pensar, não apenas nos seus interesses pessoais para ser mais rico, mas procura o bem social dos seus trabalhadores e dos pobres e mais pobres da sociedade, a empresa transforma-se num tesouro que ajuda a sociedade a ser feliz. Só um coração cheio de amor e justiça social ajuda a sociedade a

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

ANDAMOS A CORRER ATRÁS DE QUÊ? — Parece que vêm aí programas co-financiados pela União Europeia para projectos “socialmente inovadores”. Também são vários os concursos no mesmo sentido. Fala-se, também, cada vez mais, de projectos “socialmente competitivos”. Cheirando a dinheiro, as organizações sociais são assediadas por consultores dispostos a “ajudá-las” nestas competições, “a custo zero”. Na aflição em que muitas se encontram para conseguir pagar as suas contas é muito natural e compreensível que se lancem nessas competições e que se deixem ser “consultadas” para esse efeito.

É necessário que todos os que andam na acção social procurem fazer todos os dias mais e melhor. É necessário que a sociedade dê mais atenção a este trabalho e seja consequente com isso, nomeadamente através de uma maior disponibilidade para contribuir com dinheiro e com outros recursos para o trabalho que deve ser permanente e persistente de combate às várias formas de exclusão social.

Portanto, nada contra a que se procure inovar e que se procure captar mais recursos para esta área aproveitando as oportunidades de financiamento que forem surgindo.

O problema é quando este esforço degenera em “competições”, no mau sentido do termo, que consistem em correr atrás da fama, onde alguns se consideram a si próprios “socialmente mais inovadores” do que outros, com um sentido de superioridade que é cego relativamente a quem deu muito e continua a dar muito no serviço ao próximo, de uma forma discreta e totalmente desprendida dessas corridas atrás da fama, atrás do dinheiro e atrás doutras vãs glórias deste mundo.

Que as aflições para pagar as contas das nossas organizações sociais e para atender às necessidades cada vez maiores das pessoas a quem procuramos ajudar não nos levem a embarcar nessas “competições” da forma cega atrás referida e indo na conversa de quem pratica esse tipo de cegueira. Deus manda-nos ser simples e humildes de coração. Só com um coração assim podemos servir verdadeiramente os pobres. □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Todos temos visto e lido na comunicação social que no nosso País, está a tornar-se um enorme problema a delinquência infantil, é nas escolas é a nível familiar. Devemos todos preocupar-nos porque isto não acontece só ao vizinho do lado, todos estamos sujeitos quando menos se espera, devemos estar em alerta e se pudermos ajudar melhor, mas caso não consigamos, avisar as autoridades.

As nossas crianças de hoje precisam muito mais de apoio dos pais, porque, devido ao trabalho sem horas, os pais, por vezes, chegam a casa tão exaustos que sobra-lhes muito pouco tempo para cuidar dos seus filhos e sobretudo dialogarem. As crianças cobram aos pais a falta de atenção que estes lhes dão, mas se elas têm razão, também os pais têm. Por vezes, às horas que saem do emprego, não lhes deixa muito tempo para a família, pelo que a maioria dos casais estão a separar-se, uns porque não aguentam o *stress* e outros não estão para aturar a birra um do outro, e outros porque o trabalho lhes rouba as horas que deviam estar com a família. Quero com isto dizer, não é que não se deve trabalhar, mas trabalhar as horas contratuais e não as horas que as entidades empregadoras querem, esquecendo-se que o trabalhador tem família.

Hoje em dia o espírito de família está a ficar esquecido e é de lamentar, porque uma família estruturada dá mais a si e a todos à sua volta, mas as famílias desorganizadas dificilmente conseguem criar bom ambiente, porque estão tão desiludidas e negativas, que não sabem por vezes distinguir o bem do mal. É com estas que todos nos devemos preocupar e denunciar, porque quem sabe se não iremos salvar uma família que está a descambar e se lhes dermos a mão para se levantar, talvez com este ânimo consigam realizar os seus sonhos.

Os nossos governantes deviam preocupar-se com este flagelo das famílias, porque alguma coisa de errado se está a passar e se as crianças estão violentas, algo de errado se passa com os seus progenitores ou quem cuida delas, algo as está a perturbar e por vezes não falam por medo, por isso devem-se criar condições e estruturas, para protegermos as nossas crianças e idosos.

Nós Vicentinos já nos temos deparado com muitos problemas com os nossos pobres em relação à sua família e temos tentado resolver o melhor possível, por vezes não é tarefa fácil, mas estes, devido aos anos que já os visitamos, deixam que nós os ajudemos.

Já existe um laço muito forte, e sabem que nós só os queremos ajudar, e tem sido gratificante para nós Vicentinos sentirmos que já conseguimos ultrapassar muitas barreiras, e por isso damos Graças a Deus que nos dá forças e muito ânimo, para podermos continuar a nossa caminhada.

Para continuarmos a ajudar as famílias que estão a nossa cargo, precisamos da ajuda dos nossos leitores, porque o nosso Pai do Céu diz que tudo o que fizeres ao mais pequenino dos Meus irmãos, a Mim mesmo o farás.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Transferência, anónimo, 50 euros. □

PAÇO DE SOUSA

Fausto Casimiro

VISITA — Um grupo de estudantes universitários do Porto, um rapaz chamado Bruno e três raparigas, Isabel, Mafalda e Rita, vieram passar um fim-de-semana connosco. Eles pertencem ao Grão, que é uma organização de jovens que vão trabalhar para outros países de língua portuguesa. Eles colaboraram connosco nos nossos trabalhos, participaram na nossa Eucaristia e conviveram com os nossos Rapazes. No próximo mês de Agosto eles irão para Angola, para a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Gostamos muito desta visita e desejamos-lhes boa viagem e estadia em Angola.

VACARIA — Nasceram mais dois vitelos, que vieram substituir outros dois já grandes que vendemos. O «Meno» todos os dias traz um pote de leite das nossas vacas para a nossa cozinha, que os nossos Rapazes bebem ao pequeno-almoço e ao lanche. O estrume da nossa vacaria tem sido agora espalhado nos nossos campos porque estamos a fazer a sementeira do milho. Mais tarde, o produto da colheita será para os nossos gados.

FÉRIAS — Agora que as aulas estão no fim, os nossos Rapazes entram em férias. Esperamos que

todos tenham bons resultados e transitem de classe, para que assim não fiquem atrasados mais um ano. No próximo número d'O GAIATO já teremos os resultados finais da escola.

BANCO DE JARDIM — Já colocamos um banco igual onde o nosso querido Pai Américo se ia sentar e observar a nossa Aldeia, junto à casa 3. Fica situado no jardim e com ele ali fixado, iremos lembrar-nos mais do Pai Américo. Eu até já me lembrei de mandarmos fazer uma estátua a representar Pai Américo lá sentado. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

PRIMEIRA COMUNHÃO — Quando esta edição do nosso *Famoso* chegar às mãos dos nossos amigos Leitores, já terão feito a Primeira Comunhão 12 Rapazes já crescidos. Desde o acolhimento dos familiares, aos padrinhos, à celebração e às refeições (simples), tudo foi preparado com cuidado e carinho pelas pessoas que cuidam de nós.

RECONCILIAÇÃO — A 5 de Junho, o grupo de Rapazes da Primeira Comunhão viajou em mini-retiro até ao Santuário de Fátima, onde se confessaram na Capela da Reconciliação. Assim, a vida pessoal e da Comunidade deve melhorar.

PASSEIO DA CATEQUESE — A 23 de Maio, a nossa Comunidade respondeu e retribuiu uma visita da Paróquia da Ilha. De autocarro, saímos pelas 14 horas em direcção a Pombal, onde nos esperava junto à Igreja Paroquial e no belo parque de merendas um bom convívio, orga-

nizado pelos Catequistas, crianças e adolescentes. Depois de uma oração, houve jogos e uma refeição saborosa. Visitou-se o Lar de velhinhos, com o Sr. Padre Nogueira. Fomos muito bem recebidos e agradecemos a partilha destes amigos e amigas. Muito obrigado! Parámos em Conímbriga, onde há um baptistério antigo; e regressámos felizes à nossa Casa.

AGROPECUÁRIA — As tarefas agrárias não têm dado folgas. Na quinta, os campos de aveia (para palha) vão ser cortados para secar e enfardar. As culturas de milho grão e de batata têm sido regadas, pois o ano vai seco. Junto delas temos abóboras. Na horta de cima, arrancaram-se ervas daninhas no feijão, que foi estacado, nos tomateiros, nas cenouras e no cebolo, tendo sido plantado muito este ano. Temos bons talhões de alfaces, que todos gostamos. Na horta de baixo, plantaram-se mais couves. Cortou-se a relva dos vários jardins. Uma borreguita adoeceu.

BARBEARIA — A 30 de Maio e 1 de Junho, foram dias de corte geral de cabelo, na nossa barbearia, para a malta ficar mais arejada, enfrentando melhor o Verão.

DESPORTO — Não há dúvida que o futebol é o desporto rei, havendo cá mais benfiquistas do que sportinguistas e alguns portistas. As bolas usadas duram pouco. A 1 de Junho, foram entregues a vários Rapazes umas chuteiras em segunda mão, para os treinos aos sábados, às 15h. No nosso Grupo Desportivo haverá continuidade de treinador...

VISITANTES — Todos os dias vêm à nossa Casa pessoas para partilhar, estar connosco ou pedir ajuda, pois somos uma porta aberta para o bem. A 2 de Junho, vieram visitar-nos alunos e alunas do 2.º Ciclo de uma Escola de Gouveia, no âmbito de Educação Moral Religiosa e Católica, para procurarem conhecer a nossa Obra. Bem-hajam! □



DOUTRINA

Pai Américo

Calar é consentir

NA minha ida e regresso das Caldas do Gerês, viram os meus olhos cansados e o meu coração dorido, real e triste progresso na fauna mendicante e nova modalidade que dantes se não conhecia: a Criança a mendigar!

São garotos de tenra idade, vestidos com roupas de homem, melenas sobre as orelhas, cara cheia de esterco, com luvas e botas altas do mesmo material. Roçam pelos nossos vestidos num suplicante «eu tenho fome, meu senhor». Caminham aos bandos para longe das suas moradias onde sabem que há fidalgos: «Ande, meu senhor, dê lá um tostão!».

A QUELES trapos repugnantes e desconsolados abrigam tendências, instintos, vícios, pensamentos — o rapaz inteiro à solta, ao qual, agora, se poderia dar facilmente a mão e, mais tarde, ninguém pode segurar. O

tostão que se lhes dá, atrai, mas não os modifica.

Repelente e repellido, o nosso rapaz convence-se de que não presta para nada, não conhece nem acredita nos seus recursos espirituais, perde o respeito à sua pessoa e a consciência do seu valor.

SE isto é verdade do rapaz, que dizer da rapariga ocupada na mesma vida? E eu vi tantas!

Falei de muito pertinho com alguns destes inocentes; senti-lhes o coração a bater no peito e vi-lhes no olhar a fome de carinhos e de amor. Não lhes dei tostões. Nunca o fiz; jamais o farei. Enquanto tiver coração para amar a Criança e lágrimas para chorar o abandono que ela não merece, não puxo nunca pela saca dos tostões; nunca!

TÊM aparecido várias tentativas de solução ao magno

e perigoso problema deste panorama social. Um deles, o mais fácil, é assentar em que o nível de vida em Portugal é muito baixo — e deixá-lo baixo; ou então, como agora é uso em algumas terras, levantar a Criança pobre em jardins suspensos; e depois deixá-la cair para ficar mais magoada. Oh!, que grande mentira social!

A segunda solução, que além de ser fácil é muitíssimo divertida, consiste em as senhoras, formadas em comissões, organizarem festas onde se come e bebe piedosamente a favor dos Párias (o cartaz diz pobres).

A terceira, a mais prudente e a mais solene de todas, está em que certos senhores muito considerados, seriamente atrapalhados com a abundância de cabedais e com medo do Céu pardo, desatam a comprar à toa tudo quanto lhes aparece, por todo o preço, para salvar a vida aos seus ricos dinheiros.

Insensato Mundo!
Naufragar na abundância, em vez



INSTANTÂNEOS

Padre Júlio

ESTÁVAMOS a jantar. Na nossa mesa, dois padres e quatro rapazes. No meio da conversa, uma voz vinda não sei de que emissor, disse: «O Joel comeu ameixas das árvores!». Ora o Joel era um dos que estavam na mesa.

— Hã!, sim — comentei. — Espera..., ele ainda não sabe. Está cá há pouco tempo. Joel não se come fruta das árvores. Quando estiverem maduras ides apanhá-las e comeremos todos à mesa. A fruta não é para este ou para aquele. É para todos.

Como era de esperar logo se defendeu, atacando: — O Manelinho e o Júnior também comeram!

Chamou-se o Júnior, na calada da refeição, o qual negou que o tivesse feito. Chamou-se de seguida o Manelinho que, numa reacção serena como a verdade, confirmou ter ido comer ameixas às árvores.

As palavras que ouviu renovaram na sua alma o bem que é respeitar o que pertence a todos. Uma festinha na sua cabeça serviu de reforço e incentivo à mudança.

Provavelmente poderá vir a repetir o erro. Quem o não faz na sua vida que atire a primeira pedra. Eu não atiro, mas temos a obrigação de não deixar passar em claro as acções que estão erradas, nem de branquearmos, como agora se diz, o erro com as luzes da actualidade ou da indiferença.

Uma coisa eu sei. O Manelinho tem mudado muito. Antes havia muitas queixas, principalmente vindas da Escola. Ainda esta semana lhe mandei entregar à D. Preciosa um saco cheio de bolachas e com outro de rebuçados — e chegou tudo direitinho ao destino. O Bem também é doce e saboroso. É preciso aprender a gostar dele. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

De cada dia

NÃO podemos nem devemos ficar indiferentes diante das desgraças, das doenças e do mal. As catástrofes, como o sismo no Nepal, deitam por terra as seguranças humanas. No Cairo, junto dos mais pobres e face à barbárie, Maggie Gobran apela assim: *Amem os vossos inimigos. Perdoem. Nunca reneguem a verdade.* Havendo alimentos em abundância e enormes desperdícios, ainda há o paradoxo de padecerem de fome 840 milhões de pessoas.

Deus vê nisto, nestes acontecimentos, misérias a socorrer com uma paciência infinita. Esta descida não é um abaixamento, mas uma promoção humana para libertar as vítimas dessas tragédias. Quem não se implica no quotidiano, considera tudo muito complicado. São chamamentos a reconhecer a Sua Presença misericordiosa no encontro com essas pessoas angustiadas. Na vida cristã, Cristo identifica-se com os mais pobres e não vamos a Deus sem passar pelo serviço aos frágeis, como salientaram os Padres da Igreja. O samaritano para ajudar a pessoa que sofre. Há a tentação de nos irritarmos e perturbarmos com essas situações, nas *noites escuras*. De abandono de Deus? Não! O Vivente suporta

o sofrimento com paixão pelos últimos.

Na proximidade deste dia de Corpo de Deus, quando 12 rapazitos, outrora desamparados, se iam abeirar da mesa do Pão da Vida, a nossa consciência pairava também na dor inocente e insondável, sem lógica alguma, que cai sobre a pessoa humana. Nesta Família, fizemos uma retrospectiva das angústias que os fizeram chegar a este porto de abrigo. E do caminho árduo que têm e havemos de percorrer. Jesus também sentiu *pavor e angústia*.

Entretanto, por via de outros clamores conhecidos, houve por bem procurar em atalhos quem nos *feriu* o coração: um pai com doença urinária e que ficou sem fala. Já não encontrámos o pequenito que aí sobrevivia. Foi o segundo encontro, mesmo que não se deva tropeçar na mesma pedra duas vezes. A do sepulcro de Cristo foi retirada. Entrámos neste fundo de escadas, discretos aos olhares dos mirones e escutámos este segredo: — *Tragam-nos comida para cada dia...* Não podendo ganhar o pão com o suor do seu rosto, pede aquilo a que todo o ser humano tem direito: *o pão nosso de cada dia*. Ao olhar para o seu semblante pareceu-nos ver um *cristo* mudo cravado numa

cruz de carne viva. O Deus vivo e verdadeiro cujo rosto é Jesus compromete-Se (nos) com toda a pessoa humana. Abominamos, pois, todos os ruídos e afrontas das falsas promessas e festanças pagãs em sua desonra. De S. Paulo aos coríntios, recebeu-se uma pérola antiquíssima do relato da Ceia do Senhor, em que nos ficou um aviso sério: *há entre vós muitos débeis e enfermos e muitos morrem*. É possível separar a Eucaristia dos pobres sem pão? Nunca!

Depois do raiar da aurora, daqueles garotos ladinos com quem vamos partilhando o pão, ouvimos amiúde: — *Mais pão!* Não se pode ser *defensor pauperum* com visitas turísticas, mas vivendo com pessoas concretas de carne e osso. Cristo escolheu a debilidade para confundir os fortes e pôs-Se ao lado dos débeis. Contudo, ficámos perplexos com aqueles doutos que pegam em pedras para atirar aos indefesos sem apelo nem agravo. A Fracção do Pão e o silêncio do Santíssimo desafiam-nos ao socorro dos gritos dos famintos e oprimidos.

Umacerejas bem coradas numa copa frondosa que a rapaziada tentou debicar, foram ocasião e sinal para um aviso geral: — *São para todos e à mesa!* Quando a Eucaristia for uma mesa assim, não faltará o pão nosso de cada dia. □

de nela, com ela e por ela, salvar os que perecem à língua de pão!

AMADO leitor: Esta doutrina não é para o jornal; é para o terceiro volume do *Pão dos Pobres*. Os vindouros não-de saber que, nestas eras de revoluções, passou no mundo um Padre revolucionário; o qual, se não tem até agora sacudido os vendilhões do templo, não é que não tenha coragem — é que o não deixam fazer.

Não. Não há solução fora da Justiça! — fome e sede de Justiça no peito de cada mandante e no peito de cada mandado! Justiça igual à do Mestre, pedra de toque do

Seu zelo, do Seu carácter, da Sua personalidade. «Tenho sede!» Cuidas tu, oh infeliz prudente, que pondo a recato os teus supra-haveres, salvas alguma coisa? Pois tu não compreendes que a Justiça de Deus não prescreve e, por isso mesmo, o rio de sangue humano e inocente que hoje corre aos teus pés, há-de necessariamente fertilizar, fecundar a Humanidade, a seu tempo? Ou cuidas, porventura, que fica tudo na mesma e tu posto em sossego, a colher o doce fruto da tua prudência?!

Nunca ninguém te avisou que as tuas sobras são da Comunidade?

SENHOR de Infinita Justiça, Justo Juiz da minha hora derradeira, que eu tenha sempre zelo verdadeiro pela sorte dos meus Irmãos; que ninguém no mundo seja capaz de apagar, nem sequer mitigar, a fome e sede de Justiça que me devora; que eu conheça, Senhor, para aborrecer os actos de injustiça do homem contra Vós, meu Deus; e livrai-me desse Mal, a mim!

Do livro *Pão dos Pobres*. 3.º vol.

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Maio,
22.617 exemplares

BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

ser uma família. A riqueza não é um mal. A maldade está no coração rico que se esquece dos mais pobres. Por isso, a Casa do Gaiato de Benguela agradece mais este bem que é feito à sociedade.

Vamos todos empenhar-nos em gerar uma verdadeira família na sociedade. Não é uma proposta impossível. Estou a lembrar-me da celebração da Festa da SS.ma Trindade, neste domingo em que estou a escrever-vos. Deus é Família. Todos vivemos a primeira fase da nossa história no coração do Pai desta Família, à espera duma mulher a quem chamaremos mãe; e dum homem a quem chamamos pai. Assim começámos a segunda fase da nossa história que estamos a viver, neste momento. Por isso, devemos fazer tudo o que pudermos para que a nossa sociedade seja e viva como uma família, na qual nos sintamos irmãos. Estamos todos a fazer algo, neste sentido, dentro das possibilidades de cada um?

Na hora em que estou a terminar estas Notas, já é o dia 1 de Junho de 2015. O dia da Criança é celebrado neste dia. A multidão de crianças desta querida Angola, a viver em condições desumanas pelo abandono a que estão votadas, e no mundo inteiro, à espera de corações acolhedores, tenham na vida de cada um de nós a vontade de tudo fazermos para as ajudar. São encantadoras! Olhem todas as crianças como nossos filhos. Ajudem-nas com o nosso amor, até ao limite das nossas possibilidades. Neste dia, recebi um beijinho dos filhos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Nada para nos acordar como o sentir a aflição dos outros!

Após lhe ter passado, já no escritório, um cheque para a renda da casa, telefonei a um mestre-de-obras meu conhecido, a pedir-lhe que se encontrasse comigo para tirarmos as medidas do telhado e dos tubos metálicos que o vão suportar, o que aconteceu logo no dia seguinte. Mandei que avançasse com as canalizações por 400 euros e o mestre prontificou-se a dar-me as portas interiores.

Calcule que não gastarei com o arranjo e renovação desta casa mais de 3500 euros.

Achei interessante o nome da Associação: *Luta do Povo*, e veio-me à memória os sorridentes ideais de Abril, postos a correr mundo, de ilusão em ilusão, para os menos esclarecidos, ingénuos, idealistas e sonhadores como eu, os quais facilitaram o enriquecimento de tantos espertos, de consciência perversa *aquém e além-mar*, em África, como é normal do “politicamente correcto” sem qualquer reparo embaraçoso de alguma voz evangélica.

As casinhas baixas cobertas de lusalite, geladas no Inverno e ardentes no Verão, são salpicadas, aqui e além, por uma ou outra mais levantada e coberta de telha normal. Gente que evoluiu e pôde melhorar as naturais condições de habitabilidade.

Embora, hoje, naturalmente bem situado por se encontrar perto dos hipermercados e cinemas, já foi abandonado por pessoas que quiseram sair de um bairro pobre e transferiram-se para outras zonas da cidade, aparentemente menos humilhantes e mais cómodas.

A minha interlocutora, traz as duas meninas mais velhas, na catequese: — *É uma Igreja Evangélica perto da nossa casa. Eu quero que as minhas filhas sejam educadas com Deus!*

Ela não sabia distinguir aquela igreja da Igreja Católica. Falou-me que eles também anunciam Deus, apenas com um senão: — *Passam a vida a pedir e às vezes com propostas de oração, autêntico negócio: “Dás 50 euros e Deus ouvirá a tua prece”. Depois é o dízimo, que eu não posso pagar por causa da minha pobreza. Olhe que passo muitas vezes fome, para que as minhas meninas comam.*

— *Isso é que não pode ser* —, atalhei. — *Lembre-se que agora não é a senhora que passa fome, é o seu bebé!*

Eu próprio, com a ajuda da senhora da casa, lhe fizemos um bom avio, para dissipar a fome daquela família, por alguns dias.

Falei-lhe de um lugar de culto católico numa escola daquela zona e de um terreno destinado à construção de uma Igreja.

— *Vá descobrir, e leve as suas meninas para a Igreja Católica. Ao menos lá ninguém a obriga a dar nada, e até a poderão ajudar. É um ambiente muito mais livre, mais puro e com uma doutrina sólida. Leve para lá as suas meninas. Já que a sua mãe vai com elas, acompanhe-as também.*

Com o avio melhorado e a promessa de rapidamente lhe arranjarmos a casa, ela será capaz de encontrar o verdadeiro caminho de Deus para si, para as suas filhas, para o menino que irá nascer e toda a sua família. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799

jornal.o.gaiato@obradarua.org.pt • www.obradarua.org.pt
obradarua@iol.pt

NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Contribuinte N.º 500 788 898
Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal: 358514/13

SETÚBAL

Padre Acílio



PPROMETI aos leitores d'O GAIATO, publicar o testemunho escrito pela Isaura, uns meses antes da sua partida para a Plenitude do Pai.

Com a beleza e simplicidade de coração, a pedido do Sr. Bispo que lhe deu a alegria e o conforto da sua visita, esta serva de Deus, na Casa do Gaiato escreveu para nós e para Ele.

Ainda criança, com oito anos, perdeu o pai num acidente de trabalho e foi viver com uma professora primária, para Miranda do Corvo — ela que nascera em Bruscos, concelho de Condeixa:

«As mãos do Sacerdote

Muitas vezes me têm pedido para contar como e porquê entrei para a Casa do Gaiato, e para a Casa do Gaiato de Setúbal, já que vivia próximo da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Porque escolheste o gaiato e a casa de Setúbal?

Depois da morte de meu pai, fui viver para Miranda, aos cuidados de uma família amiga e, na sua companhia, frequentava a Casa do Gaiato. Ia lá a várias celebrações.

Após o falecimento de Pai Américo, estaria eu entre os dez e os doze anos, fui lá a uma Missa Nova. O movimento e a alegria dos rapazes nos preparativos e a própria celebração foram lindos! Lembro-me de andar no meio dos apertões para beijar as mãos do Sacerdote. Não foi fácil... De repente, senti que fui puxada... o Sacerdote tinha reparado na dificuldade de uma menina franzina. Aconchegou-me a ele, fez-me carícias na cabeça e na face, beijou-me e deu-me as mãos a beijar. Aquele gesto do Sacerdote nunca mais foi esquecido na minha vida! Muitas vezes procurava e esperava encontrá-lo, mas nunca mais o vi.

Mais tarde, quando tinha dezassete anos, vim a uma Missa Nova a Vila Seca, minha paróquia de origem. Num determinado momento da cerimónia, o novo padre fez um apelo às raparigas cristãs, para que nas suas orações pedissem a Deus, que ao casarem lhes concedesse um filho Sacerdote,

ou ainda, que através da oração «adoptassem» um Sacerdote que conhecessem, ou algum que tivesse maiores dificuldades. De imediato pensei naquele Sacerdote da minha infância, talvez um dia viesse a reencontrá-lo e conhecê-lo.

Começou a minha juventude, integrei-me em diversos grupos e actividades culturais e de apostolado, na paróquia de Miranda, e mesmo no âmbito da diocese (Liturgia, e catequese...), e recomecei a estudar à noite.

Mais à frente, pensei que a minha vida tinha de dar uma volta, e fui ter com o Padre Horácio, (responsável pela Casa do Gaiato de Miranda), dizer-lhe da minha vontade de integrar a Obra e vir para a Casa do Gaiato, mas ele disse-me que não... que eu estava muito envolvida na paróquia e com trabalhos na diocese, que os padres iriam sentir a minha falta e pensar que tinha sido ele a puxar-me para outra missão, (ele conhecia-me e sabia que a diocese tinha apostado na minha formação, também financeiramente e que estava também depositada esperança para o meu trabalho na formação na catequese), disse-me também que ia sentir-me dividida ao ver a falta que fazia nas tarefas que desempenhava até ali e que não podia estar nos dois lados.

A partir desse momento, fiz um corte radical com toda a Obra da Rua. Deixei tudo: de frequentar a casa, de ler o jornal... Tudo!

Durante uns anos permaneci no meu trabalho e responsabilidades assumidas. Continuei a estudar à noite e fiz os meus projectos... e isto andava assim...».

Deus chama quem quer e quando entende. Cada pessoa é um caso e cada apelo um mistério. Não tenhas medo de seguir a Voz do Senhor ainda que te pareça ousada ou mesmo impossível. Vale sempre a pena arriscar, pois quanto mais difícil, mais feliz!

Nos próximos números continuaremos a divulgar os escritos da Isaura. Compila-os para que te estimulem. □

EDUCAÇÃO RELIGIOSA

Padre João

ONTEM foi o Dia Mundial da Criança. São cada vez mais raros, estes seres, nas famílias e na sociedade. Todos os anos se celebra um dia mundial, especialmente a elas dedicado. Não está mal; o que não parece bem é que, ao longo do ano elas sejam recordadas só quando estão em risco — direitos e protecção.

Por outro lado não podemos deixar de assinalar o assombroso decréscimo da natalidade, a níveis

preocupantes. Tem-se notado que o assunto foi colocado no centro do debate político em outras plataformas de reflexão. Mas não é suficiente. Há muitos casais que gostariam de ter mais filhos, mas a crise económica e o desemprego continuam como factores desencorajantes. Há também outros motivos de ordem moral como o egoísmo crescente e a aversão a uma cultura da vida.

Uma criança é um dom. Não

é uma propriedade. Tem de ser desejada responsabilmente, ser amada e respeitada. Educá-la é tarefa de todas as horas e dias até que atinja autonomia, na família e na sociedade.

A educação religiosa não pode ser ignorada. A criança tem um sentido do “religioso” muito apurado. Esse sentido deve ser acolhido e estimulado pelos pais de forma responsável e empenhada.

O Padre Américo, educador

VINDE VER!

Padre Quim

Ecos de Fátima

CCHEGOU às nossas mãos um filme que retrata os acontecimentos que se deram de 13 de Maio a Outubro de 1917 em Fátima, na Cova da Iria. Com destaque para a primeira aparição de Nossa Senhora aos três pastorinhos. Desde então ficou vivo o eco inaugural que da Serra aos vales frios se fez ouvir a voz dos pastorinhos chamando pelos seus próprios nomes e terminando de forma solene invocando “Maria”, que também ressoou no grito das três crianças. Os rapazes da casa três foram os primeiros a deleitarem-se do regalo. O mês de Maio é marcado na nossa vida comunitária pela devoção crescente à Virgem Santíssima. Os pequeninos vão aos empurrões quando toca para a reza do Terço para ver quem é que tem a sorte de levar a imagem da “Mãe Maria”, como eles mesmo dizem, até ao salão aonde acontece a Oração diária. Outros levam velas e flores. E depois começamos os mistérios e a conclusão é com a Salvé Rainha. O pobre mundo em que vivemos está surdo e para escutar os ecos vindos da mensagem de Fátima tem de romper com os esquemas montados pela ensurdecadora máquina do cepticismo religioso, que leva a viver como se Deus não existisse. E quando assim é, a criatura ao querer dissociar-se do Criador arruína-se deliberadamente. A mensagem vem do Imaculado Coração de Maria, refúgio e caminho seguro que leva até Deus. A última estação dos peregrinos depois de descer do comboio da vida vindos de uma longa viagem.

No momento em que escrevo, do andar de cima do escritório, oiço canções de festa. É o dia primeiro de Junho. A Criança no centro das atenções de toda a sociedade. Clamando por um futuro melhor. Milhares de crianças no mundo inteiro carregam no rosto sofredor este chocante clamor. Os pedidos constantes confirmam a necessidade urgente em estender a mão para pedir auxílio e protecção em favor da criança desprotegida e em situação de risco, assim também segundo a generosidade de cada um prover de quanto possa para que de facto hoje se faça o lançamento dos créditos nos alicerces onde se edificará o futuro digno de quantos vivem desde o berço com o sabor amargo da marginalização. Somos uma família numerosa com necessidades de tudo quanto uma família precisa para dar assistência e educação aos seus filhos. A escola é a base. Sem ela é muito mais difícil abrir portas amanhã. Por isso, em nossa Casa a exigência se mantém quanto a esta matéria. Que todos saibam ler e escrever e fazer contas e compreender a realidade que o envolve é o primeiro passo. É bom, mas não basta. “A água tendo capacidade para ser a rainha das aves e voar alto por que motivo terá de esconder-se entre as galinhas na sombra da capoeira? É o sonho que comanda a vida. Quem não tem sonho perde uma parte da sua essência. O nosso sonho que vem se tornando realidade efectiva ao longo dos anos de história da nossa Obra é “fazer de cada rapaz um homem”. E em cada rapaz este ideal comum há-de fazer nascer no horizonte o sonho de ser homem amanhã.

Tivemos um encontro com os filhos mais velhos desta casa, com que contamos para a futura “Associação dos Antigos Gaiatos de Benguela”. Que tendo sido filhos ontem, hoje permanecem filhos desta mãe que os gerou para a vida social condigna. Foram mais de cinquenta rapazes. Alguns, já com família constituída, tecto próprio e seu ganha-pão de cada dia a fluir. Outros, ainda na luta para o conseguir. E outros tantos, sem emprego nem escolaridade considerável. Todos são filhos e juntos levaremos a nossa vida familiar para a frente. Houve boa vontade de todos, é o princípio de grandes propostas para o futuro. Juntos somos mais e faremos mais e melhor por um futuro no qual se têm de afastar as densas nuvens escuras. □

exemplar, pautava-se por esta linha: «A capela é o centro...». Uma linha normativa. Outra convicção muito forte brotava da sua alma: «A alma vale mais do que o corpo...», sem dicotomias ou quaisquer ressaibos de tendência maniqueísta, de desprezo pela beleza da Vida: «Deus é a eterna beleza...!». Num tom apaixonado sublinhava: «Quero os meus filhos no Céu...!». Esta mesma preocupação presente nos Pastorinhos de Fátima: «Eu vou para o Céu...?», nos Beatos Pastorinhos e em todos os «pequenos do Reino» — a Vida Eterna.

A educação religiosa é, muitas vezes, nas famílias, um apêndice... ou pretexto para festas — do Baptismo, Primeira Comunhão e outras... São coisas muito

belas! Mas é preciso ir mais longe, evitando esta prática religiosa reducionista. A educação da fé exige muito acompanhamento, persistência e perseverança. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O avarento da parábola quis vir ao mundo contar estas coisas aos irmãos que ficaram, mas foi-lhe dito que não: «que ouçam os profetas». Quis regressar ao mundo, sinal de que estava num outro onde as contas se hão-de ajustar.

in Pão dos Pobres, 3.º Vol., p 120